



# O LADO OCULTO DAS MÃES

As mães podem competir com as filhas, numa relação envenenada pelo ciúme e cujas consequências perduram na vida adulta. Existem suficientes mães-madrastas da Branca de Neve “para se perceber que a maternidade não é esse lugar ermo de amor incondicional que passa por ser”, explica a psicóloga e psicoterapeuta Isabel Leal.

POR ISABEL STILWELL

**G**ostamos de histórias cor-de-rosa, mas as histórias têm sempre mais do que uma cor, e o verso da moeda nem sempre é igual à que se vê. A relação das mães com as filhas é um desses contos, em que por vezes o amor se transforma em ódio, e a mãe protetora encarna o papel de madrasta da Branca de Neve. Nas relações saudáveis, a mãe tira partido do crescimento da filha, que pertence ao mesmo sexo do que o seu, como que travando assim o seu próprio envelhecimento, mas naquelas que não o são, a filha — mais nova, mais bonita e com a vida ainda pela frente — pode ser transformada numa poderosa rival, que tudo se faz para abater. É essa rivalidade que pode não ser consciente e assumida, mas uma armadilha interior, que leva a perpetuar amarguras e dores de geração em geração. É o que a psicóloga e psicoterapeuta Isabel Leal vê muitas vezes no seu consultório: mães que queixam-se das filhas, filhas que se sentem mal-amadas. A partir da sua experiência, mas sem dramatismo, e com uma enorme lucidez, como é seu timbre, responde às nossas questões.

**Quando esperam o primeiro filho, as mulheres, a maioria pelo menos, desejam um rapaz ou uma rapariga?**

O sexo dos bebés não é um tema forte do primeiro trimestre de gravidez. As preocupações vão para a viabilidade e estão muito relacionadas, ainda, com a aceitação do fenómeno. Há casos de mulheres que querem ter um menino ou uma menina, mas, na maioria das vezes, esse desejo até já existia antes da própria gravidez e decorre de uma fantasia prévia, do género “gostava de ter uma menina para me fazer

companhia ou vestir roupinhas engraçadas” ou “gostava de um rapaz que se tornasse forte e protetor”. Só no segundo trimestre, emerge com força a centração da mulher no bebê, ainda num estatuto de “bebê imaginário”, e aí há um conjunto extenso de fantasias sobre o bebê e também sobre o sexo do bebê. No nosso mundo, em que por rotina se faz ecografias, em muitos casos, não chega a haver tempo de antecipação e fantasias.

#### **As meninas para o pai, os meninos para a mãe?**

Acho que tradicionalmente isto é verdade, mas cada vez é menos assim. É provável que ao longo do desenvolvimento haja momentos da “menina do papá” e do “menino da mamã”, mas estou em crer que os pais participam cada vez mais e, portanto, a tendência é haver uma diluição desta perspetiva.

#### **Há relações entre pai e filha, sobretudo na adolescência, em que a mãe é posta de lado ou se deixa pôr de lado?**

Os casos que conheço em que as mães ficam assim tão de lado estão sempre relacionados com circunstâncias específicas de mães frágeis, doentes, apagadas ou ausentes, ainda que seja por razões profissionais. Na nossa cultura, a maternidade ainda é muito dominante e, nesse sentido, uma relação pai-filha preferencial é uma coisa construída ao longo de muito tempo. Não emerge do nada.

#### **É fácil a mãe encontrar suficiente satisfação afetiva em ser mãe, esquecendo o marido?**

É muito frequente as mulheres encontrarem na maternidade uma enorme satisfação, ocupação e até paixão que as faz secundarizar completamente a relação conjugal. É menos frequente para os homens. Genericamente, o aparecimento de um terceiro altera enormemente a dinâmica familiar, e estou em crer, até pela idade em que aparecem os primeiros filhos (entre nós, em média, já nos 30), que muitos casais estão prontos para cooperar no sentido de viverem as transformações desse período de uma forma positiva. Mas inevitavelmente que a dinâmica conjugal e sexual sofre alterações relevantes e muito frequentemente são as mulheres as mais responsáveis por isso.

#### **Existem muitas mães-madrastas da Branca de Neve que invejam as filhas?**

Não sei se existem muitas. Mas existem as suficientes para se perceber que a maternidade não é esse lugar ermo de amor incondicional e não competitivo que passa por ser. Sobretudo na adolescência e juventude das filhas não é raro acontecer que um sentimento de competitividade surja e faça estragos.

#### **Como é que as filhas reagem quando sentem que a mãe rivaliza com elas?**

É sempre terrível para alguém dar-se conta que a própria mãe nutre por si sentimentos negativos. As consequências disso têm muito que ver com os recursos entretanto desenvolvidos pelas filhas. Podem ser minimizadas ou maximizadas. Felizmente que no nosso mundo as influências na educação das crianças são várias e passam por educadores, professores, avós, outros familiares, empregadas e amigos. Há outras âncoras.

#### **Nas relações saudáveis, as filhas são um antidepressivo contra o envelhecimento das mães, que em lugar de as boicotarem revivem através delas?**

Exatamente. O confronto com alguém em crescimento é suposto dar alegria, reforçar a autoestima, ser gratificante em si mesmo. Se houver uma relação de proximidade, é uma forma de se ir fazendo um *up-to-*

*date* dos problemas e situações de outra geração e, nessa medida, as “mães” irem-se mantendo no tempo atual que lhes diz respeito e interessa, já que afeta a vida de pessoas que amam. Tudo isto serve de anteparo a eventuais desconfortos relacionados com o envelhecimento. Algumas pessoas vão ficando antigas, outras tornam-se velharias...

#### **Mães e filhas parecem hoje mais próximas de ideias, maneira de vestir, do que gostam de ler e ouvir?**

Há uma menor distância geracional, sobretudo ao nível dos valores que são muito mais próximos do que eram noutras gerações. Esta proximidade de valores tem que ver com tudo, nomeadamente os gostos que

frequentemente são idênticos em mães e filhas. Noutras gerações, caracterizadas por um maior autoritarismo, mais rigidez e uma maior distância emocional, não havia espaço para as partilhas emocionais que atualmente acontecem de forma natural. Isso parece ser uma aquisição definitivamente positiva.

#### **Se tivesse de escolher uma queixa mais comum das mães sobre as filhas, diria que era...**

A queixa mais frequente que oiço tem que ver com o facto de algumas mães não perceberem o que as filhas querem da vida ou se são felizes com as escolhas que vão fazendo.

#### **Quanto às filhas, qual a queixa das mães mais habitual?**

Oiço muito mais queixas de filhas do que de mães, mas pela natureza do meu trabalho é razoável que assim seja. São queixas muito variadas, mas, genericamente, podem resu-

mir-se no facto de se sentirem mal-amadas. Não é não serem amadas, mas amadas de uma forma que acham que tem pouco que ver com a pessoa que são. Como se tivessem de corresponder a um “boneco” e não lhes fosse dado espaço para serem quem queriam ou achavam que deviam ser. **Há filhas tão magoadas pelas mães que não se conseguem libertar dessa amargura. Precisam de fazer uma psicoterapia para poderem ser felizes e boas mães?** Infelizmente, é isso mesmo. Pode acontecer que haja relações emocionais que compensem as falhas de relações precoces, mas muito frequentemente isso não acontece e só a psicoterapia ajuda a reformular uma história de incompreensão e de sentimentos de rejeição. Em abono da verdade, deve-se dizer que as mães amam como podem e sabem e muitas vezes podem pouco e sabem pouco. □

### **ISABEL LEAL**

Psicóloga e psicoterapeuta.  
Doutorada em Psicologia pela  
Universidade Católica de Lovaina,  
é docente do ISPA, sendo professora  
catedrática, diretora do Departamento  
de Psicologia Clínica e da Saúde.  
Trabalhou na Maternidade Dr. Alfredo  
da Costa, onde fundou e coordenou  
o Departamento de Psicologia Clínica.

